

EUROMAIDAN COMO MOVIMENTO SOCIAL EUROMAIDAN AS SOCIAL MOVEMENT

Claudio Cavalcante Junior¹

RESUMO: Este artigo trata do movimento que ficou conhecido como Revolução da Dignidade ou Euromaidan que ocorreu na Ucrânia entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014 a partir da teoria do confronto político. Este movimento antecede a guerra russo-ucraniana que começa com a anexação da Crimeia e guerra no Donbas a partir de março de 2014, que chega a nova fase em fevereiro de 2022, com a invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia. Ao analisar material audiovisual, imprensa e entrevistar um manifestante do Euromaidan, é possível compreender que a Rússia exerce uma ação imperialista sobre a Ucrânia. Argumentos utilizados na época do Euromaidan foram recicladas na atual guerra da Rússia na Ucrânia.

Palavras-chave: Euromaidan; Ucrânia; Movimento social; Teoria do confronto político.

ABSTRACT: This paper deals with the movement that became known as the Revolution of Dignity or Euromaidan that took place in Ukraine between November 2013 and February 2014 based on the theory of contentious politics. This movement precedes the Russian-Ukrainian war that begins with the annexation of Crimea and the war in the Donbas from March 2014, which reaches a new phase in February 2022, with the large-scale invasion of Ukraine by Russia. By analyzing audiovisual material, press and interviewing a Euromaidan protester, it is possible to understand that Russia imposes an imperialist action over Ukraine. Arguments used at the time of Euromaidan were recycled in Russia's current war in Ukraine.

Keywords: Euromaidan; Ukraine; Social movement; Theory of contentious politics.

INTRODUÇÃO

Neste artigo analiso o movimento que ficou conhecido como Euromaidan ou Revolução da Dignidade que ocorreu entre novembro de 2013 a fevereiro de 2014 sobretudo em Kyiv², capital da Ucrânia, a partir principalmente da perspectiva da teoria do confronto político. As informações foram obtidas através de matérias divulgados em vários veículos de comunicação em inglês, francês, espanhol, além do português e uma entrevista que realizei

¹ Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). E-mail: cavalcante1981@hotmail.com

² Uso a grafia Kyiv, já que o comitê sobre nomes geográficos da ONU reconheceu essa forma como legítima a partir da independência ucraniana (1991) e reconhecida por outros países. Disponível em https://unstats.un.org/unsd/geoinfo/ungegn/docs/26th-gegn-docs/WP/WP21_Roma_system_Ukraine%20engl._.pdf. Acesso em 30/12/2022.

através do WhatsApp com um manifestante do Euromaidan. Dados sobre o evento podem ser obtidos através de documentários como *Maidan* (2014) e, sobretudo, *Winter on Fire: Ukraines's fight for freedom* (2015). O evento que ficou conhecido com Euromaidan tem sua origem no descontentamento da população ucraniana com o então presidente Viktor Yanukovych que em 2013 deixa de assinar um Acordo com a União Europeia e se aproxima da Rússia. A população começa a se reunir na Praça da Independência (*Maidan Nezalejnosti* em ucraniano) e a pauta que era a assinatura do Acordo supracitada evolui para a reivindicação que abrangiam mudanças políticas mais profundas e que culminou com o abandono do cargo e posterior “cassação” pelo parlamento ucraniano do mandato do então presidente. Daí o nome do movimento constar a união de “Euro” (Europa, União Europeia) mais *Maidan* (praça).

O conjunto de eventos reascendeu e mobilizou uma série de símbolos nacionais (e nacionalistas) como as cores vermelha e preta, cores da seção da Organização dos Ucranianos Nacionalistas lideradas por Stepan Bandera (cuja foto estampa o cachecol de um manifestante no início do documentário *Winter on Fire*) entre os anos 1940 e 1950. Outros símbolos que imperaram no movimento foram as cores azul e amarelo, da bandeira ucraniana, e a constante execução do hino nacional. São símbolos que reunidos com certas “palavras” ou “palavras-chaves” configuram como marcadores de ações coletivas na teoria do confronto político e repertório de McAdam, Tarrow e Tilly (2009), mobilizados para pedir mais democracia e dignidade que se intensificaram quando em janeiro de 2014, o parlamento votou um pacote de medidas que cerceavam a liberdade de expressão e de associação claramente visando interromper a mobilização popular.

Por trás destes eventos estava o desejo de aproximação com a Europa não só política e economicamente, mas culturalmente, na adoção do que pode ser descrito como valores europeus, notadamente os democráticos. Neste contexto, antigas rivalidades com a Rússia vieram à tona, o que teria contribuído para a posterior anexação da Crimeia e o fomento de uma guerra civil que explodiu no leste do país cujos protagonistas era as forças nacionais e supostos separatistas pró-Rússia. Poderíamos pensar neste movimento o rotulando como “novíssimo movimento social”, já que o mesmo não tinha lideranças claras e o início da

mobilização aconteceu através da internet, reunindo cidadãos ucranianos das mais diversas classes sociais e filiações étnicas e religiosas que se organizaram na Praça da Independência de onde desenvolviam estratégias de combate, necessárias devido à violência policial intensa, e realizavam marchas que tinham como destino o Parlamento ucraniano ou as sedes administrativas tanto municipal como nacional. Este movimento que a princípio se mobiliza contra uma ação do presidente se torna um movimento contra os políticos de maneira geral, tornando oponente o próprio Estado assim que cresce a violência contra os manifestantes.

1. TEORIA DO CONFRONTO POLÍTICO E OUTRAS TEORIAS

Entre as teorias dos movimentos sociais, trato sobretudo da teoria do confronto político, visto que esta parece ser a melhor dentre as demais para compreender o movimento que foi chamado de Euromaidan. Além disso, o movimento tratou-se de uma “ação conectiva”, devido ao uso, ao longo do processo, da internet na coordenação das atividades e na convocação da população para as ruas. Também chamada de Teoria do processo político, do contencioso político ou da mobilização política, esta teoria surge na década de 1970, quando os novos movimentos sociais (pós Maio de 68) estão “explodindo” no mundo. Entre suas características está o grande valor dado a questão racional, à escolha por fazer parte ou não de um movimento (McADAM, TARROW, TILLY, 2009, p. 11) Trata-se do “dilema do rebelde” (*ibidem*, p. 31): Por que as pessoas entram no movimento ou rebelião? É mister lembrar que os custos para este engajamento são altíssimos.

Desta forma, é dado grande valor a dimensão subjetiva, além do valor a dimensão política e a cultural. Assim é fundamental compreender o que dizem, como dizem os manifestantes na tentativa de compreender suas “palavras”, ou “palavras-chave”, analisar os “símbolos” que circulam ao longo do movimento, além do estudo da questão da identidade do grupo (*ibidem*, p. 28). Os movimentos analisados pelos teóricos da teoria do confronto político são processos sociais de médio e longa duração. Movimentos sociais considerados como parte de “repertório” específico, do processo histórico. As ações dos movimentos sociais assumem a forma de repertórios que inclui códigos de conduta, uma

“cultura pública” que surge a partir da interação (McADAM, TARROW, TILLY, 2009, p. 24; TARROW, 2009, p. 39). Além disso, há a dependência de um ator externo, de uma estrutura política de fora do movimento social. Este adversário com quem o movimento, definido como conjunto de atores políticos que buscam mudança social, irá lutar para alcançar este objetivo. Os autores definem também movimento social como “interação sustentada entre pessoas poderosas e outras que não tem poder” (McADAM, TARROW, TILLY, 2009, p. 21). Desta forma, podemos pensar na relação que os movimentos têm com o estado nacional (TARROW, 2009, p. 17).

Pessoas comuns nas ruas tentam exercer o “o poder por meios contenciosos contra estados nacionais ou opositores” (*idem*). Esta, por exemplo, pode se tornar revoluções, que inclui ciclos (*ibidem*, p. 45). Tarrow também atribui importância a questão da liderança, a repressão que o Estado pode empreender contra os manifestantes e às demandas que manifestantes fazem ao Estado, o próprio oponente aos movimentos sociais (*ibidem*, p. 41).

McAdam, Tarrow e Tilly (2009) reconhecem o confronto político ao longo de várias épocas sendo que uma das características dos movimentos sociais é a sua interação sustentável, de fato estes perdurariam ao longo do tempo (McADAM, TARROW, TILLY, 2009, p. 27). Entretanto nem toda política envolve confronto (*ibidem*, p. 11), já que entre outras coisas, há a institucionalização das atividades políticas. O início do confronto político ocorre quando as pessoas fazem reivindicações que podem afetar os interesses de outros. O confronto depende da mobilização, da criação e da capacidade para a interação coletiva (*ibidem*, p. 12). Dentro desta perspectiva o movimento social é visto como sustentação da ação coletiva. Estas ações coletivas do confronto podem assumir várias formas (TARROW, 2009, p. 19) sendo que o confronto político “surge como uma reação a mudanças nas oportunidades e restrições políticas em que os participantes reagem a uma variedade de incentivos: materiais e ideológicos, partidários ou baseados no grupo, de longa duração ou episódicos” (*ibidem*, p. 27).

Tarrow resgata autores como Marx, Lenin e Gramsci, que contribuem na teoria do confronto político ao tratar do conflito, da liderança, da dimensão cultural, da importância do descontentamento na formação do movimento social (*ibidem*, p. 27-31). A teoria marxista

tem fortes paralelos com as teorias recentes sobre a ação coletiva e movimentos sociais. Dentre as questões relevantes: o aspecto cultural nos estudos produzidos na época de Tarrow sobre movimentos sociais que ressoam Gramsci (*ibidem*, p. 35). Um problema que Tarrow coloca é: “por que o confronto político parece desenvolver-se apenas em períodos particulares da história e por que às vezes ele produz movimentos sociais robustos e às vezes se transforma em sectarismo ou em repressão?” (*ibidem*, p. 38). Tarrow argumenta que

as pessoas se engajam em confrontos políticos quando mudam os padrões de oportunidades e restrições políticas e, então, empregando estrategicamente um repertório de ação coletiva, criam novas oportunidades que são usadas por outras, em ciclos mais amplos de confronto (*idem*)

Outros autores, não “filiados” a Teoria do Confronto Político, podem ser aqui utilizados para compreender vários elementos do Euromaidan. A questão da violência, repressão ou coerção por parte do Estado também é relevante na perspectiva de Jasper (2016, p. 50). Segundo ele, movimentos sociais são considerados especiais, transitórios e frágeis (*ibidem*, p. 32-33). Assim podemos comparar o movimento objeto de estudo do autor o *Occupy Wall Street*, ocorrido em 2011, com o Euromaidan. Em comum, a ocupação por membros da sociedade civil, em sua maioria jovens, do espaço público, uma praça em um (*Euromaidan*) e um parque no outro (*Occupy*). Além disso em ambos havia ausência de uma liderança clara e o uso da internet, em especial das redes sociais (*ibidem*, p. 36). A diferença entre ambos está no fato da ação coletiva realizada na Ucrânia ter sido motivada por um evento, base para uma pauta clara (o posicionamento da população contra a não assinatura de acordo com a União Europeia), já no movimento *Occupy* não havia uma pauta clara.

Tanto o *Occupy*, quanto o Euromaidan poderiam ser considerados movimentos sociais já que tem como característica, a persistência, a intenção de alcançar um objetivo e a preocupação com a mudança, além de serem movimentos não institucionais (*ibidem*, p. 23). Outras características em comum entre ambos, o fato de, como na maioria dos movimentos sociais hoje não quererem tomar o Estado, mas influenciá-lo (CASTELLS, 2017, p. 197, JASPER, 2016, p. 43). A mudança configura também como uma questão central para

compreender os movimentos sociais (TOURAINÉ, 1976, p. 159). Touraine aponta que a identidade nasce das contradições e da procura do controle da mudança social. Ou seja, há um vínculo entre identidade e conflito, em todas as sociedades dotadas de historicidade, onde há a relação de dominação (*ibidem*, p. 160). Podemos pensar o movimento aqui também como uma ação conectiva. Se assemelha a outros movimentos onde houve o uso de mídia digital em ações coletivas recentes como a Primavera Árabe, *Indignados* (Espanha) e *Occupy* (BENNETT & SEGERBERG, 2012, p. 739). Com manifestações em várias cidades espanholas, o movimento dos *Indignados* foi “puxado” pela internet que, assim como outros movimentos, teve plataformas e aplicativos assumindo o papel de organizadores políticos do movimento (*ibidem*, p. 741-742).

A centralidade da rede atraiu mais gente que não estava envolvida em manifestações. Desta forma trata-se de uma ação conetiva (*ibidem*, p. 748), cuja característica é ser fragmentado, individualizado, mas com grande capacidade de mobilização (*ibidem*, p. 751). Na lógica da ação conectiva, a mídia digital é o agente de organização (*ibidem*, p. 752), sendo que o ponto inicial da ação conetiva é o automotivado compartilhamento das ideias, planos, imagens e recursos já internalizadas ou personalizadas em rede (*ibidem*, p. 753). Os movimentos sociais são alavancas da mudança social (CASTELLS, 2017, p. 189). Estes surgem em momentos de crise, quando há desconfiança nas instituições políticas e são motivadas muitas vezes por algum evento significativo que gere emoções (*ibidem*, p. 190). A característica comum dos movimentos sociais recentes é estarem conectados em rede de múltiplas formas (*ibidem*, p. 192). Entretanto se torna um movimento ao ocupar o espaço urbano. São em geral movimentos espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação (*ibidem*, p. 194). A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal (*ibidem*, p. 195). Estes movimentos raramente são programáticos (*ibidem*, p. 197), diferente do Euromaidan. Para Castells, deve-se levar também em consideração a força das utopias, sobretudo no movimento social em rede, a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade (*idem*).

2. EMPIRIA: Euromaidan

No domingo, 15 de dezembro de 2013, 200 mil manifestantes tomam a praça da Independência em Kyiv³. Os protestos haviam começado em novembro depois que o então presidente Viktor Yanukovych não assinou um acordo de cooperação com a União Europeia, em seguida entram em cena também como o pauta o combate a corrupção⁴. A mobilização que teve como centro da organização a Praça da Independência vai perdurar até fevereiro de 2014, com a saída do então presidente Yanukovych. Para melhor compreender o movimento, entrevistei, em língua portuguesa, pelo aplicativo WhatsApp, Oskar Slushchenko, então com 29 anos, formado em Relações Internacionais pela Universidade Nacional Taras Shevchenko de Kyiv, naquele momento residente na cidade do Rio de Janeiro, ele pleiteava o *status* de refugiado político⁵. Além de ter participado do movimento, ele é natural de Donetsk, região com intensos conflitos e grande parte sob ocupação russa. Assim ele descreve seu envolvimento com o Euromaidan

Eu fui uma das centenas de milhares de simpatizantes do movimento e sistematicamente participei nas manifestações populares em Kyiv entre novembro 2013 e fevereiro 2014. Não fui afiliado a nenhum grupo organizado ou partido político. Além das manifestações, participei várias vezes nas atividades voluntárias na Praça da Independência (Maidan) e ao redor. Com exemplo: limpeza da neve nas ruas para fortalecer as barricadas ao redor do espaço, ocupado por ativistas, a separação dos medicamentos por tipos nos locais de recebimento das doações, doação própria dos alimentos e os medicamentos, organização do “hospital improvisado” dentro da Igreja de São Paulo ao lado de Maidan. (Entrevista realizado em 19/07/2019)

³ Conferir https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131215_ukrania_protestos_geopolitica_mm. Acesso em 19/07/2019

⁴ Conferir https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131215_ukrania_protestos_geopolitica_mm, www.bbc.com/news/world-europe-30131108, https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/03/internacional/1393862263_932760.html. Acesso em 19/07/2019.

⁵ Em 2020, Slushchenko voltou a morar na Ucrânia, retornando ao Brasil em novembro de 2024 como diplomata para assumir o cargo de primeiro-secretário na Embaixada da Ucrânia no Brasil.

Neste movimento estavam envolvidos, sobretudo, seus antigos colegas de faculdade, além de um amigo de infância, que como ele, havia se mudado para Kyiv para cursar o ensino superior. Segundo Slushchenko, o movimento ganhou grandes proporções por dois motivos: a já mencionada mudança do vetor geopolítico da Ucrânia da União Europeia para a Rússia e pela extrema violência das forças do governo contra os manifestantes, o que gerou uma maior resistência, organização do movimento e o endereçamento das manifestações para outros importantes atores no país⁶. Além da violência física contra os manifestantes, o governo central emitiu uma série de leis que colocaram em risco as liberdades individuais, o que causou ainda mais insatisfação⁷. A partir daquele momento, as manifestações se radicalizaram e se estenderam a outras cidades. Embora o presidente tenha acabado por promulgar uma lei de anistia para os presos na revolta e tenha revogado as normas repressivas, os protestos continuaram. Kyiv viveu seus piores enfrentamentos a partir do dia 18 de fevereiro, quando os manifestantes tentaram entrar no Parlamento e atacar vários edifícios oficiais⁸.

Além de Kyiv, o movimento ganhou força em Lviv, maior cidade da Ucrânia Ocidental, região historicamente mais orientada para a Europa Central do que para a Rússia. Os manifestantes eram praticamente estudantes, membros da classe média e líderes da oposição ao governo do então presidente. Segundo Slushchenko, os manifestantes eram “principalmente, com a exceção (...) dos nacionalistas, a favor dos valores liberais (como ideal o modelo da União Europeia) e contrário (...) à política paternalista promovida pelo governo de Yanukovitch” (Entrevista realizado por WhatsApp em 19/07/2019).

Houve a união dos três partidos de oposição no parlamento nos protestos, que disputaram a liderança do movimento através dos seus líderes: o ex-pugilista Vitalii

⁶ Sobre o uso da violência citado pelo entrevistado, ver matéria que trata das reações contra os manifestantes em 29/11/2013 pelas forças especiais da polícia Berkut. Nesta mesma reportagem a questão dos direitos humanos configura como uma das pautas do movimento. Conferir www.bbc.com/news/world-europe-30131108. Acesso em 19/07/2019.

⁷ Sobre a aprovação das leis contra a liberdade de concentração e de expressão, conferir https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/03/internacional/1393862263_932760.html. Acesso em 19/07/2019.

⁸ *Op. cit.*

Klychko, posterior prefeito de Kyiv, A. Yatseniuk e O. Tiahnybok⁹. A oposição também foi formada pelos partidos de extrema-direita *Svoboda* e *Bratstvo*, além de Yulia Tymoshenko, ex-primeira ministra então presa, que figurava como imagem importante deste movimento¹⁰ e grupos ultranacionalistas como o *Praviy Sektor* e o *Spilna Sprava*¹¹. Uma das estratégias do movimento, do *Spilna* em particular era a ocupação pacífica de prédios públicos, como forma de resistência¹². Sobre a organização dos manifestantes na Praça da Independência, Slushchenko a descreveu como “horizontal” ressaltando a “auto-organização do povo” onde imperava “uma atmosfera de fraternidade e euforia, leveza, esperança das mudanças tectônicas na organização da sociedade”¹³. Depois de dois meses a Praça da Independência se tornou um vilarejo com seus códigos e funções de grupos bem definidos. Uma sociedade em miniatura com distribuição de comida gratuita, onde, por exemplo, havia a proibição do consumo de álcool.

Os recursos alocados para o movimento vinham “especialmente no início, dos partidos da oposição”, mas também de empresários (médio e pequeno porte) e “cidadãos comuns”. Quanto a unidade do movimento, havia uma minoria ativa de radicais que ganhou muita visibilidade nos conflitos e um outro grupo nas manifestações que usavam seus automóveis para protestar, recebendo o nome de *Automaidan*¹⁴. Segundo Slushchenko, “grupo organizado dos motoristas que organizaram as manifestações (bloqueios) das casas dos políticos e funcionários públicos, ministros aliados ao Presidente”. Este movimento também ajudava a socorrer e a levar manifestantes feridos para os hospitais. Havia um outro grupo chamado de *Euromaidan SOS* encarregado de ajuda jurídica aos manifestantes,

⁹ Conferir https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131215_ukrania_protestos_geopolitica_mm, https://www.lemonde.fr/europe/article/2014/01/30/ukraine-ceux-qui-ont-fait-de-maidan-leur-place-forte_4355828_3214.html. Acesso em 19/07/2019.

¹⁰ Conferir https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131215_ukrania_protestos_geopolitica_mm. Acesso em 19/07/2019.

¹¹ Conferir https://www.lemonde.fr/europe/article/2014/01/30/ukraine-ceux-qui-ont-fait-de-maidan-leur-place-forte_4355828_3214.html. Acesso em 19/07/2019.

¹² *Op. cit.*

¹³ *Op. cit.*

¹⁴ *Op. cit.*

sobretudo aos presos pela polícia e trabalho essencial dos serviços médicos realizado por voluntários¹⁵.

No dia 21 de fevereiro, o Parlamento ucraniano aprovou um “acordo para resolver a crise política” e antecipar as eleições. No dia seguinte, o presidente foi destituído após fugir do país em meio a pressão das ruas e a *Verkhovna Rada* (legislativo nacional ucraniano) solicitou que ele fosse julgado no tribunal de Haia pela morte de dezenas de manifestantes. A opositora Yulia Tymoshenko, que estava presa, foi libertada, mas esclareceu que não estava interessada em ser cabeça de lista de seu partido, Pátria. Seu braço direito, Oleksandr Turchynov, foi nomeado presidente em exercício no dia 22 de fevereiro. Arsenii Yatseniuk, do mesmo grupo político, foi designado primeiro-ministro dias depois¹⁶. Aparentes tensões separatistas cresceram depois da queda de Yanukovych, que se refugiou na Rússia¹⁷. Como resultado do movimento, as tensões com a Federação Russa se agravaram com a anexação da Crimeia e guerra no leste do país, além do agravamento da crise econômica, com queda do PIB e a grande desvalorização da moeda ucraniana (*hryvnia*). Por outro lado, com a saída do presidente Yanukovych, a política externa da Ucrânia se volta para a Europa e tenta se afastar da influência russa.

3. TEORIA DO CONFRONTO POLÍTICO, NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E O EUROMAIDAN

O movimento chamado de Euromaidan foi o maior protesto na Ucrânia desde a Revolução Laranja (2004)¹⁸. Um conflito que resultou em mais de cem mortos, provocou uma mudança de governo e uma escalada de tensão entre a Rússia, a União Europeia e os EUA¹⁹. Por que a beira do inverno, os manifestantes se mobilizaram e resolveram passar

¹⁵ Conferir https://www.lemonde.fr/europe/article/2014/01/30/ukraine-ceux-qui-ont-fait-de-maidan-leur-place-forte_4355828_3214.html. Acesso em 19/07/2019.

¹⁶ Conferir https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/03/internacional/1393862263_932760.html. Acesso em 19/07/2019.

¹⁷ *Op. cit.*

¹⁸ *Op. cit.*

¹⁹ *Op. cit.*

grande parte do tempo no acampamento da Praça da Independência em Kyiv, muitas vezes com temperaturas negativas, sob neve, invés de ficar no conforto de seus lares? Seria o suficiente dizer que a busca por mudança social (resumida na dicotomia Europa-Federação Russa, seguida pela insatisfação da população em relação a classe política, considerada extremamente corrupta) responde satisfatoriamente a esta questão? Este é o tipo de pergunta que a teoria do confronto político colocaria para os membros envolvidos no movimento do Euromaidan. Este teve sua origem em protestos que começaram em novembro de 2013. Tudo a partir do uso de redes sociais: um *tweet* de Mustafa Nayem, jornalista ucraniano, que ficou descontente com o então presidente Yanukovich que não assinou o acordo com a UE²⁰. Nayem convoca seus seguidores no antigo Twitter a protestarem na Praça da Independência. A composição etária dos manifestantes era um fator de relevância, já que majoritariamente eram manifestantes da geração que nasceu e cresceu pós-independência²¹. Desta forma, vemos que a internet teve um papel importante, pelo menos no início do movimento, assim como outros movimentos recentes como a Primavera Árabe.

Neste universo, internet e movimento social “comungam” a cultura de autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas (CASTELLS, 2017, p. 199). Nos novos movimentos sociais uma das suas características é a espontaneidade. A origem destes novos movimentos está na Tunísia e na Islândia, onde insurgências políticas transformaram as instituições governamentais entre 2009 e 2011 e influenciaram movimentos sociais que sacudiram a ordem política na Europa e nos Estados Unidos (*ibidem*, p. 33). Os manifestantes estavam unidos a partir da experiência da sensação de empoderamento. Na Tunísia, houve o uso das redes sociais para as manifestações, para convocar e ocupar o espaço urbano (*ibidem*, p. 35). Neste movimento, o Twitter teve um importante papel na discussão e coordenação da ação (*ibidem*, p. 40). Na Islândia, houve o movimento chamado de “Revolução das Panelas” (*ibidem*, p. 45).

²⁰

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141225_ucrania_tweet_confronto_analise_fn. Acesso em 19/07/2019.

²¹ *Op. cit.*

Com grande papel também da internet, das redes sociais, quando também houve ocupação do espaço público (*ibidem*, p. 46). Em ambos uma desconfiança pairava sobre os políticos, que não respeitavam a vontade da população (*ibidem*, p. 55). De fato, havia crise econômica, mas também crise da legitimidade política. Em ambos os casos, o movimento passa do ciberativismo para o espaço público mostrando a força da tecnologia seja com o uso de celulares, internet ou da televisão (*ibidem*, p. 56). Em conversa informal pelo WhatsApp em 22/07/2019, Slushchenko comparou o uso da internet no Euro maidan ao utilizado nos países onde ocorreu a Primavera Árabe, descrevendo-o como “crucial”. Através das redes sociais Twitter e sobretudo o Facebook, ocorreu a organização dos médicos voluntários, do *Automaïdan*, além de ter se tornado o veículo de notícias e atualizações de atividades de política (e da polícia).

O inimigo era o Estado personificado no presidente da república, Viktor Yanukovich, o primeiro-ministro Mykola Azarov, posteriormente o ministro do interior, responsável pelo comando das forças policiais que foram, em alguns momentos do processo, extremamente truculentas, responsabilizados por mortos e feridos, além de milhares de detenções consideradas arbitrárias. A agonística maioria versus minoria (TOURAINÉ, 1976, p. 163) foi exposta no movimento Euromaidan, que assim como os novos movimentos sociais era não só transclassista, mas também pluriétnico. Houve a criação de uma consciência de identidade social a partir do envolvimento neste processo (*ibidem*, p. 166), no caso uma identidade ucraniana e europeia. Segundo Touraine, “a identidade social só pode nascer do envolvimento nos conflitos que se formam ao redor do controle das orientações gerais de uma sociedade” (*ibidem*, p. 172). Nas sociedades pós-industriais, é de grande importância as relações socioculturais, onde os conflitos são estruturais e não só ligados a, onde há a unificação da oposição nestas sociedades compreendidas como campo de conflito mudança (TOURAINÉ, 1989, p. 15). O movimento tratado neste trabalho aponta o peso neste conjunto de estratégias de se fazer política da sociedade civil. Os atores sociais formaram uma identidade coletiva que é central para a explicação destes movimentos.

O povo se engajou, apesar de ter muito a perder, não só devido ao inverno rigoroso, mas também a violência das forças policiais, para pressionar os rumos do país que estavam

na contramão do que o então presidente e sua equipe faziam como uma maior aproximação com a Rússia, invés da Europa, nesta busca por mudança. Foi um movimento numa sociedade ainda em busca da consolidação de uma democracia, mostrando que a teoria do confronto política não está restrita aos países democráticos do “Ocidente” (McADAM, TARROW, TILLY, 2006, p. 36) O acampamento que se formou na Praça da Independência contou com a formação de “unidades”, aparentemente cada uma com funções diferentes. Havia organização para alimentar os manifestantes, além da prestação de serviços que incluía a disponibilidade de energia elétrica para recarregar os telefones celulares e acesso à internet. Os manifestantes tentavam contribuir de diferentes formas, por exemplo, distribuído alimentos e medicamentos, numa organização, grosso modo, como uma empresa como tratam este tipo de empreendimento McCarthy e Zald (1977), apesar de não ter havido uma fragmentação tão evidente ao longo do processo. Apenas depois, grupos, sobretudo ONGs, passam a competir pelo acesso a recursos financeiros. Desta forma, não há nada de irracional nesta mobilização como apontava a teoria das massas, por exemplo. Todos unidos, acima de tudo, para reivindicar o pertencimento a nação de uma nova forma, se afastando da identidade russa ou russófila.

Entre os métodos utilizados pelo movimento, está o acampamento como na Primavera Árabe, nas ocupações de escolas no Brasil, no *Occupy Wall Street*, e resistência ora pacífica, ora violenta, sobretudo em resposta a violência empregada pelo opositor, às forças do governo. Em relação às lideranças, questão de grande importância para a teoria do confronto político, não havia neste movimento uma figura central, um líder, mas uma fragmentação na condução do movimento. Um destes líderes, Vitalii Klychko, chegou a ser hostilizado pelos manifestantes quando utilizou a bandeira do seu partido durante uma manifestação, o que demonstrava uma rejeição dos manifestantes a partidos políticos em geral. Outras figuras de destaque foram artistas como a cantora pop Ruslana e Sviatoslav Varatchuk, líder da banda de rock *Okean Elzy*, este também líder de um partido político. Apesar disso, há fontes²² que apontam como “comandante” da Praça, o deputado do partido

²² Conferir https://www.lemonde.fr/europe/article/2014/01/30/ukraine-ceux-qui-ont-fait-de-maidan-leur-place-forte_4355828_3214.html. Acesso em 19/06/2019.

Svoboda A. Parubiyi que coordenaria os grupos de maior oposição naquele espaço. Segundo Slushchenko, em conversa pelo WhatsApp em 23/07/2019, o Maidan

não teve um líder óbvio. Os líderes dos partidos da oposição no Parlamento (como Yatseniuk e Klychko) ‘representaram’ o Maidan nas negociações com Yanukovich. Parubiy foi um comandante do (...) *samooborona* (tipo de guarda do Maidan)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da manifestação tivemos os já citados problemas econômicos e políticos produtos deste processo, vemos a emergência de duas forças políticas em seguida: da ex-primeira-ministra Yulia Tymoshenko, libertada da prisão naquele contexto, e Viktor Poroshenko, que se torna em seguida presidente da República. Entretanto ambos perderam as eleições para presidente, realizadas em abril de 2019. O ganhador foi Volodymyr Zelenskyi, o mais famoso comediante do país, figura que não apareceu no movimento no período e que foi protagonista, a partir de 2015, da série de comédia *O Servidor do Povo*, em que interpretava um professor de história que acidentalmente se torna presidente da Ucrânia. Zelenskyi havia fundado um partido político homônimo de sua série de sucesso, através do qual eleito presidente como resposta a rejeição a classe política, que parecia ter grande força no movimento de 2013 e 2014 e que sobrevive e se torna o grande responsável pela emergência de um político sem experiência, um verdadeiro *outsider*, o que tinha sido apontado como tendência em vários lugares do mundo, da Europa às Américas. Em julho de 2019, Zelensky consolida seu poder com a eleição do maior número de deputados de um único partido em toda a história da Ucrânia.

Após alguns anos, a Ucrânia continuou sofrendo com problemas na economia, além de em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia ter invadido o país pelo norte (a partir de Belarus inclusive), pelo leste e pelo sul. Além da Crimeia, Kherson, Zaporizhzhia, Donetsk e Luhansk foram oficialmente anexada a Rússia, mesmo que estas regiões não estejam todas sob ocupação. A guerra da Rússia na Ucrânia encontra suas origens nas reações da Rússia sobre um país independente e soberano e que, no atual contexto lança ou “recicla” narrativas não

fundamentadas como desnazificação ou expansão da OTAN (FERRARO, 2023) na tentativa de transformar a Ucrânia em sua colônia novamente.

REFERÊNCIAS

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. THE LOGIC OF CONNECTIVE ACTION: digital media and the personalization of contentious politics. In: Information, Communication & Society, 15:5, 2012. P. 739-768.

CASTELLS, M. REDES DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

FERRARO, Vicente. AS CONTRADIÇÕES NA “GUERRA JUSTA” DE VLADIMIR PUTIN CONTRA A UCRÂNIA: Os mitos da contenção da OTAN, proteção de minorias e desnazificação. In: SciELO Preprints. Disponível em <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5486>, 2023. Acesso em 15/04/2025.

JASPER, J. M. PROTESTO: Uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

McADAM, D. TARROW, S., TILLY, C. COMO MAPEAR O CONFRONTO POLÍTICO. In: Lua Nova, São Paulo, 76: 11-48, 2009.

McCARTHY, J., ZALD, M. RESOURCE MOBILIZATION AND SOCIAL MOVEMENTS: a Partial Theory. In: American Journal of Sociology (Vol. 82, No. 6): 1212-1241. Maio, 1977.

TARROW, S. O PODER EM MOVIMENTO: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

**TOURAINÉ, A. NOVOS CONFLITOS SOCIAIS PARA EVITAR MAL-
ENTENDIDOS.** In: Lua Nova, São Paulo, 17: 05-18, 1989.

_____. **EM DEFESA DA SOCIOLOGIA.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.